

Conversando com Odile Cisneros

Ana Carolina de Freitas¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Brenda Bressan Thomé²
Universidade Federal de Santa Catarina

Mwewa Lumbwe³
Universidade Federal de Santa Catarina



Odile Cisneros. Foto: Arquivo Pessoal

Odile Cisneros é professora associada do Departamento de Línguas Modernas e Estudos Culturais da Universidade de Alberta, em Edmonton, Alberta, Canadá. Com Richard Young, publicou *Historical Dictionary of Latin American Literature and Theater* (2011). É coeditora e tradutora de *Novas: Selected Writings of Haroldo de Campos* (2007) com A.S. Bessa. Traduziu, entre outros, Régis Bonvicino, Haroldo de Campos e Jaroslav Seifert. Sua tradução para o inglês de *Galáxias*, de Haroldo de Campos, será publicada pela casa editora Ugly Duckling Presse (Brooklyn) em 2021.

Quais gêneros literários e de quais idiomas você traduz?

¹ Mestranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: anacarolzen9@gmail.com

² Mestranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: brenadathome@gmail.com

³ Doutoranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: mwewaster@gmail.com

Minhas línguas principais são o espanhol, o inglês e o português. Também traduzi, alguns anos atrás, um livro de poesia tcheca. Tenho conhecimento do francês e em parceria com outros também traduzi alguma coisa do francês. Embora desconheça o finlandês e o russo, também fiz traduções dessas línguas a quatro mãos com outros poetas e tradutores. Principalmente traduzo poesia, mas também já traduzi ensaios e alguma prosa.

Como se interessou pelo português? Quem foram os primeiros autores brasileiros com quem teve contato? Qual é a sua relação com o Brasil e a literatura brasileira?

Sempre tive um fascínio com o Brasil. Quando criança, achava o Brasil um lugar misterioso e ao mesmo tempo familiar. Sentia afinidade com o meu país natal, o México, mas também me atraíam muito as diferenças. O Brasil sempre teve um lugar muito especial no coração dos mexicanos, em parte por causa do futebol, já que o Brasil ganhou a Copa do Mundo no México em 1970. Tentei em algum momento da minha adolescência fazer um curso de português por correspondência, mas só comecei a escutar e conhecer os sons da língua quando frequentei o Wellesley College nos Estados Unidos. Na minha universidade não tínhamos aulas de português, mas nessa altura, final dos anos oitenta e começos dos noventa, na área metropolitana de Boston havia muito interesse pela música popular brasileira. Me lembro que muitos músicos brasileiros iam estudar no Berklee College of Music, um conservatório e escola de jazz. Eu costumava escutar *Coração brasileiro*, um programa na rádio universitária do Emerson College, uma escola especializada em artes e comunicação. Todos os sábados, das seis às nove, *Coração brasileiro* apresentava os grandes da bossa nova e da MPB. Aí fiquei conhecendo a música maravilhosa de Gilberto Gil, Chico Buarque, Caetano Veloso e muitos mais e, principalmente, me apaixonei pela língua portuguesa! No último ano da graduação, descobri a obra da Clarice Lispector. Assisti o filme *A hora da estrela*, apresentado pela própria diretora, Suzana Amaral, e logo depois do filme, fui procurar os livros da Clarice. Comecei lendo as excelentes traduções do Alexis Levitin, e depois fui procurar os originais, que conseguia ler com dicionário. *Água viva*, um livro maravilhoso de prosa poética, me acompanhou durante vários anos em que viajei pela Europa. Voltando para os EUA no final dos anos noventa para começar o doutorado, tinha certeza que ia trabalhar com obra da Clarice Lispector, mas durante uma viagem para o Brasil para pesquisar o arquivo da Clarice na Casa Rui Barbosa, descobri a poesia brasileira. Daí mudei de ideia para meu trabalho de doutorado. Comecei a ler os

poetas modernistas, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e outros, assim como os poetas concretos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari, e os contemporâneos, Régis Bonvicino, Horácio Costa e outros. O contato com os poetas contemporâneos me levou à tradução de poesia, que é o gênero que mais traduzo.

Quando e como nasceu o seu contato com a tradução? Quais tipos de desafios você enfrentou no início de sua carreira como tradutora?

Não posso dizer exatamente a primeira coisa que traduzi na vida, mas o primeiro trabalho literário foi um livro de poesia modernista tcheca que traduzi para o espanhol e publiquei em 2000, *En las ondas de la TSF*, do autor vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1984, Jaroslav Seifert. Morei vários anos em Praga, e quando estava quase para partir para o doutorado em Nova York, uma amiga me presenteou um exemplar fac-similado desse livro, que é um clássico da vanguarda tcheca dos anos 1920. É uma poesia muito visual, mas também cheia de imagens poéticas muito complexas e belas. Também possui muito humor. Decidi traduzir esse livro como um exercício literário, mas principalmente também para poder compartilhá-lo com meus amigos que não falavam tcheco. Na altura, contei com a ajuda de um grande amigo tcheco, Tomáš Samek, que me ajudou muito a decifrar algumas das expressões e imagens mais complexas. Além das dificuldades de meu conhecimento imperfeito da língua, o trabalho foi um desafio por ser o tcheco uma língua muito longínqua do espanhol. No entanto, a experiência também me deu muita satisfação. Quanto aos desafios em geral, acho que os tradutores nunca ficamos completamente satisfeitos com as traduções. Acharmos a proverbial perda que é inevitável no processo (essa famosa—ou infame— frase do Robert Frost, “Poetry is what is lost in translation.”). Ao mesmo tempo, a tradução é um exercício da criatividade, uma prática cheia de opções, umas melhores do que outras. É questão de saber fazer certas escolhas em lugar de outras. A indecisão às vezes é um problema. Outro desafio para mim foi trabalhar com línguas que são minha segunda ou terceira língua, como é o caso do inglês e do português. Sempre vivi entre muitas línguas, e em um certo momento, passei a traduzir entre várias dessas línguas, sem reparar muito se eram minhas línguas nativas ou não... Acho que a ideia de que um tradutor só pode traduzir para sua língua materna é um preconceito. A tradução para mim constitui uma negociação entre línguas.

Você tem uma metodologia de tradução que utiliza em cada trabalho? Você considera que as obras que já traduziu influenciaram ou transformaram seu modo de traduzir?

Nunca penso muito em termos teóricos ou metodológicos no momento de traduzir, mas é obvio que na prática todos temos um método, às vezes apenas tácito, ou lições que aprendemos muito tempo atrás e que aplicamos instintivamente. Por exemplo, uma ideia é decidir qual o lugar do texto que vamos traduzir no contexto alvo e considerar sempre também o público alvo. É claro que o contexto fonte e o público fonte (além da língua, evidentemente) são importantíssimos para entender e decodificar o texto fonte, mas tanto ou mais importantes são o contexto e público alvo para recodificar o texto e transmiti-lo. Penso muito na frase do Ezra Pound “Make it new,” ou seja a ideia de levar uma voz do passado para um novo público e contexto, assim renovando-o. O texto traduzido deve poder falar não apenas para quem conhece o original e sua história. Tem que se dirigir também a um novo público, ser capaz de circular em outros contextos. A tradução da poesia também convida o tradutor a exercer a sua criatividade, mas sempre num meio restrito. Ezra Pound igualmente recomendava a prática da tradução aos aspirantes a escritor como o melhor método para aprender a escrever poemas originais. Jorge Luis Borges fala uma coisa parecida nas *Versiones homéricas*. Diz: “Ningún problema tan consustancial com las letras y com su modesto misterio como el que propone una traducción.” Na tradução a gente tem que se “someter” no final ao original, mas ao mesmo tempo as variações são múltiplas—para citar novamente Borges: “Un largo sorteo experimental de omisiones y de énfasis.”

Para você qual é o papel do tradutor e do ato de traduzir? Você acha que é possível ensinar alguém a traduzir?

Todos somos tradutores. Essa ideia não é minha. O grande Octavio Paz, em *Traducción: Literatura e literalidad*, assevera que “Aprender a hablar es aprender a traducir,” já que, no aprendizado de uma língua, inclusive nossa língua materna, pedimos sempre explicações sobre o significado das palavras através das quais nos vamos nos tornando fluentes na língua. Esse processo de tradução interlinguística, diz Paz, “No es, en este sentido, esencialmente distinta a la traducción entre dos lenguas.” Portanto, o reconheçamos de maneira consciente ou não, todos temos praticado já a tradução no processo de aprender nossa própria língua e qualquer outra língua. Num sentido mais restrito, é claro que o tradutor é um profissional. Para mim, o papel do

tradutor é fundamentalmente aquele de mediador ou “corretor cultural” (a expressão é do inglês - “cultural broker”), alguém que pode se movimentar entre vários âmbitos linguísticos e facilitar para outros o tráfico de palavras, textos, ideias. Nesse processo, como já falei, pode (e deve!) exercer a sua criatividade. A criatividade na tradução pode ser um dom, mas eu acho que sim, é possível ensinar alguém a traduzir. Para mim, a melhor escola constitui o trabalho de outros tradutores talentosos, entender quais soluções encontraram e imitar seus métodos e achados para poder aplicá-los a novos casos e problemas de tradução.

A tradução de poesia costuma ser diferenciada da tradução de outros gêneros textuais por trabalhar com várias características ao mesmo tempo: forma, rimas, métricas e conteúdo. Para você isso é verdade? Você considera que existe alguma hierarquia entre essas características na tradução de poesia?

A tradução de poesia, sim, é considerada diferenciada de outros gêneros textuais, mas não acredito que por isso seja “impossível” ou que outros gêneros tenham menos dificuldades. A célebre tradutora do Boom latino-americano Suzanne Jill Levine, já demonstrou que a prosa de autores tão complexos como o Guillermo Cabrera Infante ou o Severo Sarduy, pode ser tão desafiadora quanto a poesia... Na poesia é verdade que existem características materiais e sonoras como aspectos visuais, métrica, rimas, etc., que apresentam dificuldades. A poesia moderna e contemporânea, no entanto, abandonou algumas dessas características sonoras. Outro problema, no caso da poesia com formas fixas como o soneto, também é a restrição que supõem—a forma em que cabem tais formas é uma limitação que não existe da mesma maneira na prosa. Quanto à hierarquia, não sei se pensaria nesses termos. O poema é um todo. Ao traduzi-lo, se fazem escolhas, e a ideia é que as diferentes características do original apareçam refletidas na tradução, mas talvez (e quase sempre com certeza) não da mesma maneira. Considero que é importante fazer escolhas que não abandonem completamente aspectos chave do texto original, mas tem que se procurar um equilíbrio entre as diferentes características de cada poema. A tradução deve produzir uma impressão equivalente usando outros meios.

Você coordena um projeto de tradução de poesia trilingue (inglês, espanhol e português) chamado Ecopoesia, certo? Poderia nos explicar como o projeto

funciona, como é feita a seleção das obras e autores e também dos tradutores para esse projeto?

O projeto é uma antologia online de poesia e meio ambiente na América Latina, inclusive o Brasil. A ideia surgiu quando decidi, em 2014, criar uma nova disciplina na graduação da minha universidade. Queria apresentar aos alunos um panorama da literatura de orientação ecológica na América Latina, e ao procurar seleções de textos ou antologias, reparei que, embora houvesse tais compêndios para o âmbito dos EUA e do Canadá, não existiam no caso latino-americano. No entanto, eu tinha me deparado, na pesquisa, com muitos autores, especialmente poetas, que abordavam a questão da ecologia e a poesia já durante várias décadas. Me candidatei para uma bolsa do governo canadense para criar o ecopoesia.com, um website que reúne poetas da América Latina cuja obra podese considerada de orientação ecológica. Há poetas como os mexicanos Homero Aridjis e José Emilio Pacheco, que tiveram abertamente uma posição ambientalista, mas também há vozes em cuja obra pode ser detectar tal orientação sem ela ser explícita ou autoconsciente, como o caso de poetas como os nicaraguenses Pablo Antonio Cuadra e Ernesto Cardenal, ou o brasileiro Sérgio Medeiros, que abordam o pensamento indígena americano, oferecendo uma visão alternativa da natureza. Também existem poetas cuja obra é mais vasta, mas que têm alguns poemas que tocam temas como a poluição, a relação com os animais, a posição do ser humano frente à natureza, a fronteira entre o ser humano e outros seres não humanos, etc. Todas são questões abordadas pela ecocrítica, o estudo das relações entre o meio ambiente e a literatura. Decidi também que a missão do site requeria que os poemas circulassem pelo menos em três línguas: espanhol, português e inglês. O site é uma espécie de antologia interativa onde o leitor pode se aproximar de certos autores e obras, como em qualquer antologia, mas também pode fazer leituras alternativas através da procura por tema ou palavras, descobrindo assim afinidades entre distintos poetas e contextos. Quanto às traduções, algumas já existem, mas muitas outras ainda devem ser feitas. Em particular, há muitos poetas de língua espanhola que ainda não foram traduzidos para o português. Também há o caso de poetas brasileiros que não têm ainda versões para o espanhol. Espero que através do meu contato com estudantes e professores do PGET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução consigamos traduzir alguns dos textos que ainda não estão traduzidos para ir completando o panorama do site.

Na sua opinião, o que une a literatura, especialmente a poesia, dos países americanos de norte a sul? Nesse sentido, você observa alguma identidade comum nas literaturas mexicana, canadense e brasileira, por exemplo?

Essa é uma pergunta enorme! Acredito, no entanto, numa ideia “novomundista”, digamos, da literatura do continente americano. Sinto que nossas sociedades compartilham certas características por terem, até um certo ponto, origens e desenvolvimento histórico comuns. Todos nossos países foram habitados primeiramente por povos originários, passaram por uma conquista que colocou duas visões do mundo em contato direto e violento, sofreram transformações também através da imigração, e, de maneiras diferentes, chegaram a se integrar no mundo contemporâneo. No entanto, também há uma enorme variação. Em certos lugares dominaram certas tradições mais do que em outras, afetando assim o desenvolvimento cultural e por conseguinte a literatura e a poesia. É muito difícil falar brevemente e em termos gerais sobre essas semelhanças, mas poderia dizer que, sim, existe uma certa afinidade “novomundista” entre os poetas de nosso continente, apesar da enorme variedade e diferença de suas expressões poéticas.

Que novos planos ou projetos você tem a curto prazo no âmbito da tradução?

Atualmente o projeto *ecopoesia.com* me mantém muito atarefada, mas também estou trabalhando em dois outros projetos. Um deles é uma *Antologia bilíngue de poesia experimental canadense*, que estou organizando com a poeta Christine Stewart e co-traduzindo com o poeta e tradutor Luis Dolhnikoff. Esse projeto será editado pela EdUFSC. São poetas experimentais contemporâneos do Canadá que ainda são pouco ou nada conhecidos no Brasil. O outro projeto é a conclusão da tradução das *Galáxias* de Haroldo de Campos para o inglês. É um projeto no qual venho trabalhando muitos anos, mas que finalmente ganhou um editor na casa Ugly Duckling Presse de Brooklyn, Nova York. *Galáxias* é um texto cheio de desafios, mesmo no original! Traduzi-lo é uma tarefa hercúlea de pesquisa e criatividade. No processo, tenho me inspirado no trabalho de outros tradutores, como Inês Oseki-Depré, Reynaldo Jiménez e Héctor Olea, assim como no exemplo do mesmo Haroldo de Campo, que além de um poeta chave da vanguarda, foi um dos grandes tradutores e teóricos da tradução no Brasil.